

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1997.

Resenha feita por Daisy Moreira Cunha¹²³

"Participamos de uma nova era, sem conseguir observá-la. Sem admitir e nem sequer perceber que a era anterior desapareceu. Portanto, não podendo enterrá-la, passamos os dias a mumificá-la, a considerá-la atual e em atividade, respeitando os rituais de uma dinâmica ausente". (p.8)

Viviane Forrester, romancista, ensaísta e crítica literária do jornal *Le Monde* brinda-nos com este livro sobre os efeitos da globalização econômica na sociedade contemporânea e na sociabilidade humana neste final de século. Falando aos leitores com linguagem acessível, chama-nos à lucidez quanto a um mundo que não é mais virtual, nem se localiza num futuro próximo, mas que pode ser percebido agora nos contingentes cada vez maiores de excluídos do direito ao trabalho. Seu texto tem uma forma cativante, articula constatações sobre a realidade sócio-econômica e perguntas em tom provocador.

A autora chama-nos a atenção para o fato de que o fenômeno do desemprego atual já não pode mais ser designado pela expressão *desemprego*, uma vez que ela se refere a um estado provisório, ocasional, condição sofrida apenas por alguns setores da sociedade. O fenômeno atual expressa algo como uma "fratura social", em que pessoas são "colocadas entre parênteses por tempo indefinido".

Dois comportamentos humanos estariam reforçando essa nova realidade social, segundo Viviane Forrester. A vergonha, dado que cada desempregado se crê responsável pelo seu falido destino, assegurando uma mistificação dos processos excludentes do mercado, o que evita e impede a resistência, tomando-se assim auxiliar da lógica excludente do lucro; e a indiferença, o desligamento e a indolência, que promovem a calma medíocre, o consentimento tácito. Esses dois comportamentos funcionam,

123 Professora Assistente do Departamento de administração Escolar – FAE- UFMG.

por sua vez, como elementos ativos dessa revolução silenciosa operada pelo capitalismo neste final de século, instalando-se definitivamente

"a era do liberalismo, que soube impor sua filosofia sem ter realmente que formulá-la e nem mesmo elaborar qualquer doutrina, de tal modo estava ela encarnada e ativa antes mesmo de ser notada. Seu domínio anima um sistema imperioso, totalitário em suma, mas, por enquanto, em torno da democracia e, portanto, temperado, limitado, sussurrado, calcetado, sem nada de ostentatório, de proclamado. Estamos realmente na violência da calma" (p.45).

Para ela, estamos vivendo tempos importantes da história. Um tempo em que o trabalho está sendo extinto, sem que seja substituído por outra forma de sobrevivência para milhares de pessoas que saem às ruas todos os dias à procura de uma colocação no mercado de trabalho.

"Jamais se imaginaria que ser libertado do jugo do labor teria muito de catástrofe no mau sentido da palavra. E que isso sobreviveria repentinamente, como um fenômeno inicialmente clandestino. Jamais se poderia igualmente supor que um mundo capaz de funcionar sem o suor de tantos rostos seria imediatamente (mesmo antes) seqüestrado e que teria por prioridade oprimir, depois acuar, para melhor rejeitar os trabalhadores agora supérfluos; que isso se traduziria não pela capacidade de todos para melhor se empregar, apreciar, assumir um estatuto de viventes, mas por uma coerção reforçada, portadora de privações, de humilhações, de carências, e, sobretudo, de mais servidão ainda, pela instauração cada vez mais manifesta de uma oligarquia; mas também pela improbabilidade proclamada de qualquer alternativa; pela instalação geral de um consentimento e de um consenso que atingem dimensões cósmicas". (p.115).

Em uma instigante passagem desse livro a autora ensaia reflexões importantes sobre o futuro dos jovens numa sociedade do não-emprego, indaga-se sobre o destino de seu tempo livre – seu único luxo e – tece considerações sobre o papel que poderia ser cumprido pela escola num quadro destes, onde o ensino *"poderia tratar-se de uma doação, de uma distribuição do que existe de melhor, de uma porção mágica autorizada, mas também de um único e último recurso"*. O texto levanta constatações sobre as condições que vivem os jovens hoje,

"emigrados no próprio lugar, conhecedores dos bastidores dessa sociedade que é dada como modelo pelo ensino que dela provém; não dos bastidores do poder, mas os de seus resultados. O que geralmente lhes é ocultado, mascarado, é familiar para eles. Através das desordens e das carências de suas vidas cotidianas, será que eles não identificam inconscientemente aquelas trincas irreversíveis que precedem o

No panorama apresentado por FORRESTER, os lucros capitalistas advém cada vez menos da produção de bens e serviços, mas, de uma forma crescente, de investimento, denominada por HARVEY (1995) '*empreendimentos com papéis*', num

"sistema global altamente integrado, coordenado pelas telecomunicações instantâneas...um mercado de ações global, de mercados futuros de mercadorias (e até de dívidas globais), de acordos de compensação recíproca de taxas de juros e moedas, ao lado da acelerada mobilidade geográfica de fundos...um único mercado mundial de dinheiro e de crédito"(HARVEY, 1989: 152).

Num mundo em que o emprego tornou-se dispensável ao lucro, este emprego tornou-se arcaico. Num mundo em que a economia privada encontra-se em plena liberdade, solta de todas as amarras, em busca permanente de paraísos fiscais, onde a ausência de proteção social reduz o custo do trabalho a quase nada, essa possibilidade do capital viajar livremente em busca do lucro, escolhendo no circuito mundial as regiões que mais oferecem subsídios à sua atividade de exploração do trabalho, tem transportado e reconstruído, em lugares colonizados nos séculos passados, formas de trabalho consideradas até então desaparecidas.

Nesse mundo sem fronteiras para o capital, este chantageia os países desenvolvidos impondo-lhes precarização, miséria e pobreza, realidades anteriormente reservadas aos países do Terceiro Mundo. Importante observar que a autora reflete sobre a situação num país de primeiro mundo, na velha e poderosa Europa, mais especificamente na França, onde constata haver uma "*opinião silenciosa, desorganizada, mas nervosa, capaz de súbitas vigilâncias e, em muitos pontos, ainda pouco ligada ou até mesmo alheia ao pensamento único*". Um país marcado por uma "*cultura social aliada a conquistas sociais muito arraigadas*" mas que vem escorregando para fora dessa "*ordem de direito*".

Pessimismo e realismo, sensações que ficam ao final da leitura do livro. Chega-se afinal à conclusão de que a autora sabe exatamente, na medida certa, o que significa a "*exclusão social*" editada em tempos pós-modernos, quando há um "*hiato instaurado entre uma economia de mercado, transformada em propriedade exclusiva deste mundo e os habitantes desse mundo, em prisioneiros de sua geografia*". (p.135).